INFANTIS

Pinóquio
Gulliver
Aladim
Chapeuzinho Vermelho
A Bela Adormecida
Cinderela
Sítio do Pica-pau Amarelo
Pequeno Polegar
Ali Babá
Alice no País das Maravilhas
O Patinho Feio
Branca de Neve

VIRTUALBOOKS

O Mago Alfinete

O Mago Alfinete

Era uma vez um grande rei da Ásia que, depois de ter vivido mil anos e um dia, perdera ao ser vencido numa guerra infortunada todos os seus haveres: reino, súditos, cetro e coroa real inclusive. Ficara-lhe somente um alfinete, que ele usava para prender no peito a última condecoração que lhe restava, muito brilhante, mas de latão, razão pela qual ninguém lha queria comprar.
No dia em que esse grande rei morreu, nevava e fazia um frio de rachar pedras.
Por isso o seu filho, que se chamava Wladimiro, pôs-se a dizer, tremendo e soprando as mãos:
- O meu pobre pai nunca teve qualquer doença. Se morreu hoje, a culpa foi do frio; ai de mim! ai de mim! estou arriscado a morrer, eu também!
Compreendem? Porque naqueles tempos, de velhice nunca se morria; quando muito, um velho cessava de viver porque se esquecia de respirar, ou por causa do calor excessivo, ou por comer doces demais; em suma, morria de algum acidente.
Aquele rei da Ásia, que vivera mil anos e um dia,

morrera de frio e não devido à idade.
E não era para menos!
Imaginem que agora o seu palácio não era nada mais do que uma palhoça coberta com ramos secos de abeto e sem paredes!
Era de enregelar! Em volta não se via senão neve.
As árvores de um bosque vizinho - todas abetos, pinheiros e faias - pareciam ter-se envolvido em pesado manto branco, que cada dia se tornava mais espesso.
Não se via senão branco, no céu e na terra.
Wladimiro, que era um belo jovem de vinte anos, notou a certa altura que as suas lágrimas gelavam e então parou de chorar e pensou no que devia fazer.
- Antes que o frio me transforme em um pedaço de gelo, - disse consigo mesmo - vejamos onde o meu pobre pai escondeu seu testamento. Talvez me tenha deixado riquezas que teve sempre escondidas de mim, a fim de que eu não as dilapidasse antes de atingir a maioridade.
E pôs-se a procurar pela choupana.
Não era muito difícil procurar alguma coisa ali. Não havia armários nem arcas para abrir, nem também cofres. Podia-se poupar o trabalho de descoser os colchões, porque colchões não existiam em casa, como não havia camas, nem cadeiras, nem mesas, tudo coisas inúteis e incômodas, que não se deveriam nunca ter inventado.
Não havia outra coisa senão ramos com folhas secas, que o vento frio de janeiro ia levando uma a uma, e como seria possível que um tão grande rei da Ásia, tão rico de anos e de experiência, tivesse

ido esconder o seu testamento debaixo de folhas secas?
Wladimiro teve de convencer-se de que o pai se esquecera de ditar as suas últimas disposições, como acontece a quase toda a gente que morre moça, visto que a juventude jamais pensa na morte.
De resto, esse fora o único esquecimento daquele avisado monarca.
Tudo o que ele poderia fazer em caso de morte, tinha-o feito.
Por exemplo: nascera nu e morrera vestido, o que já demonstrava alguma coisa da sua parte.
Que poderia Wladimiro herdar dele?
Havia a condecoração de latão, com a sua fitinha que...
Mas, como se há de despojar da sua condecoração um peito que a ganhou quem sabe à custa de quantos suspiros?
E depois, que fazer com uma condecoração de latão?
A única coisa que Wladimiro podia tirar dali, antes de se afastar da choupana, era o alfinete com que seu pai costumava prender a condecoração ao peito.
Aliás, ai dele!, o velho rei nunca mais caminharia, e por isso não havia perigo de que a condecoração pudesse cair-lhe do peito.
Portanto, o alfinete era uma herança que ele podia levar.
Com grande respeito filial, o bom Wladimiro ajoelhou-se, beijou o velho sobre a barba, e tirou o alfinete, espetando-o na manga do seu gabão, mas de repente soltou um grito :

- Ai!
Sentira-se picar profundamente.
- Quem grita? - perguntou uma vozinha.
Wladimiro olhou em sua volta para ver de que ser animado podia partir aquela vozinha, mas não viu ninguém.
Como sou estúpido! - disse consigo mesmo -. Decerto é o frio que me faz sonhar.
E como tinha medo que o alfinete lhe tornasse a picar o braço, pegou nele de novo, para pô-lo em lugar mais apropriado.
- Ei! Estás-me fazendo cócegas na cabeça! - exclamou a mesma vozinha.
Desta vez Wladimiro não podia dizer que tivesse sonhado, e quase deu um salto de espanto.
- Quem me fala? - gritou, com voz espavorida.
- Eu!
- Quem, eu?
- Eu, o mago Alfinete.
Só então Wladimiro percebeu que a vozinha procedia mesmo do alfinete que tinha na mão.
Desta vez, deu um verdadeiro salto de terror, e o alfinete, descrevendo uma cabriola no ar, foi cair no chão, em cima de uma folha seca.
- Hi! Hi! Hi! - tornou a dizer a vozinha -. Que medo tens, Wladimiro! Nunca ouviste gente falar?
- Gente, já - respondeu o jovem - mas um alfinete, nunca, na minha vida!
- Se fosse ter medo de tudo aquilo que nunca se viu, pobre mundo! - replicou a vozinha.
- Mas, com que falas? - perguntou Wladimiro, arregalando os olhos.
- Com a boca.

- E onde é que tens a boca?
- Na cabeça. Também tu tens a boca na cabeça.
- Mas eu sou um cristão, e tu és um alfinete.
- E eu sou um mago, meu caro. Sou justamente o mago Alfinete!
Wladimiro não queria acreditar em tudo quanto ouvia.
- Mas, se tu tivesses boca, terias também olhos! - exclamou.
- Ora essa! Que havia de fazer com os olhos? - rebateu o mago Alfinete -. Eu não ando sozinho, e tenho sempre alguém que se encarrega de levar-me consigo.
- Quero ver! - disse Wladimiro -. Quero mesmo ver!
E inclinou-se.
0 alfinete estava ali em pé, espetado em uma folha seca.
A sua cabacinha era preta, com uma manchinha branca no meio e outros dois pontinhos vermelhos dos lados...
A manchinha era a boca, e os dois pontinhos eram os ouvidos...
Cabelos, o mago Alfinete não os tinha; era calvo e liso como uma bola de bilhar.
E não tinha sequer um farrapo de roupa.
Talvez porque o seu corpo era apenas constituído por aquela hastezinha fina que terminava em uma ponta aguda, a qual, como Wladimiro tivera ocasião de verificar havia pouco, picava ferozmente.
Wladimiro nunca imaginaria poder encontrar-se em frente a uma coisa tão estranha.
Tinha ouvido falar, é verdade, de magos e de fadas; sabia haver serpentes, pássaros, e até borboletas,

muitíssimos capazes de fazer bruxarias, mas que pudesse haver um mago alfinete, ou seja, um alfinete mago, isso nunca sonhara sequer.
- E que esperas para me espetar no teu casaco? - gritou o mago Alfinete, impaciente —. Tencionas deixar-me gelar aqui de frio?
- Espera um momento... - respondeu Wladimiro -. Eu sou, meu caro, o herdeiro de meu pai, é verdade, mas um herdeiro tem também o direito de recusar a herança, se ela o ameaça de dar-lhe excessivos aborrecimentos...
- E que aborrecimentos receias que eu te dê?
- Deves dizer-me primeiro que mágicas e encantamentos fazes.
- Conforme.
- Como, conforme?
- Conforme eu tenha a ponta no quente ou no frio. A minha ponta são os meus pés, ou antes, é o meu pé, porque só tenho um, como sabes muito bem. E também sabes, Wladimiro, que quando a gente tem frio nos pés, não pode fazer grandes coisas.
- O que me dizes é espantoso - afirmou Wladimiro -. Mas por que nunca fizeste encantamentos nem feitiçarias durante todo o tempo que pertenceste a meu pai?
- Justamente porque, meu caro, ele me usou sempre com o pé ao frio... Brrr! Se soubesses que geladeira era aquela condecoração! Demais, o peito de um homem de mil anos parece um peito de pêlo. Posso te garantir que não comunicava o menor calor à túnica.
- Por isso não podias fazer feitiçarias?
- Fiz uma comigo mesmo: a de não morrer de frio!

- Hum! - fez Wladimiro, deixando pender a cabeça. Mas, como se sentia cada vez mais penetrado por um frio terrível, que quase o paralisava, pensou que o mago Alfinete talvez tivesse razão, com os diabos! Quando se tem frio de mais, nem sequer as mãos servem para nada!
- Compreendi - disse por fim o jovem -. Deves ser um magozinho delicado. E como eu sou compassivo, levo-te comigo.
E de fato, pegou no mago Alfinete e espetou-o na lapela da blusa.
Afundando sob a neve até aos joelhos, Wladimiro caminhou durante três dias e três noites.
- Ui! Ui! Que frio - exclamava o mago Alfinete.
- E que te posso eu fazer? - respondia Wladimiro -. Não há por aqui uma fogueira, para esquentar-te, e eu próprio tenho ainda mais frio do que tu.
O vento do inverno, a que chamam nevão, assobiava por entre os ramos das árvores e por entre os arbustos, e a neve voava em turbilhões, continuando a cair de um céu baixo e cor de chumbo.
Quando Deus quis, Wladimiro chegou às portas de uma grande cidade onde estava uma patrulha de soldados tesos e rígidos.
Mas... eram mesmo extraordinários, aqueles soldados... Por Deus, eram de gelo, com uniformes de gelo e fuzis igualmente de gelo!. . .
Tinham umas bocas, uns olhos, uns barretes de fazer medo!
Tudo branco, compreende-se.
- Alto lá! - gritou o sargento daqueles soldados a Wladimiro -. Que vens fazer à cidade de Geladeira?

- Venho para me esquentar e descansar um pouco - respondeu o pobre diabo.
- Se assim é, antes de prosseguir, entra em nosso corpo da guarda - replicou o sargento, que devia ser uma pessoa de gênio caritativo -. Temos uma bela lareira, com o fogo aceso.
Wladimiro agradeceu com as lágrimas nos olhos ao bom sargento, que por cúmulo de gentileza o acompanhou ao corpo da guarda.
Mas ali, que desilusão tremenda!
Havia a lareira, sim . . . mas era uma lareira de gelo; e, como a lareira, era de gelo também a chama que se erguia direita, sob a chaminé (de gelo), toda branca e cintilante, de um monte de pedras de gelo, e espalhando em volta fagulhas de gelo!
- Ai de mim! - exclamou Wladimiro.
- Ai de miar! - protestou, com a sua vozinha, o mago Alfinete.
- Que é? - perguntou com bondade o sargento (de gelo) -. Talvez tenham frio, coitadinhos! Vai ser preciso reavivar um pouco o fogo! Vou já cuidar disso!
E, dirigiu-se a um canto do aposento, pegou em uma braçada de pedaços de gelo, com os quais tencionava reavivar aquele seu fogo.
- Foge! Foge, do contrário morreremos congelados! - gritou o mago Alfinete.
Wladimiro confiou nas próprias pernas e saiu correndo do corpo da guarda, seguido em vão pelo sargento, que gritava:
- Espera, rapaz! Aí ao ar livre podes apanhar uma pneumonia...

Corre que corre, Wladimiro, sem se importar com os transeuntes (de gelo) que paravam para olhá-lo, cheios de curiosidade, chegou, sem o saber, ao palácio real e, como o portão estava escancarado, entrou por ali a dentro no momento em que a sentinela (de gelo) estava assoando o nariz em enorme lenço (de gelo), não podendo assim vê-lo.
O pobre jovem chegou de repente diante do rei Sorvete I, enquanto este estava inclinado sobre enorme buraco que, do primeiro andar do seu palácio, parecia aprofundar-se nas entranhas da terra.
- Olé! - gritou Sua Majestade, vendo Wladimiro -. Bem dizia eu que alguém devia chegar! Há uma hora que chamo gente, com mil bombas!
Wladimiro parou, com o nariz voltado para o chão, estupefato.
Também o rei Sorvete I era de gelo, bem entendido. Era um belo homem, um pouco velho, com imponentes bigodes e barbas de gelo, e vestindo belíssimo uniforme, de generalíssimo, de neve gelada e colorida.
Trazia um quente lenço de lã ao pescoço, porque era muito fácil apanhar um resfriado, e tinha nas mãos um instrumento de gelo ao qual aplicava os olhos a fim de olhar para dentro do poço.
- Toma este óculo e olha tu também, - disse o rei Sorvete I, oferecendo-lhe o instrumento - e cuidado com dizer-me exatamente tudo o que vires, do contrário dou-te a minha palavra de rei que te mandarei cortar a cabeça e também as pernas.
Dessa maneira, Wladimiro ficou sabendo que estava diante de um rei, e isso lhe tirou qualquer veleidade

de deixar de responder ou de desobedecer.
- Esse buraco que aí vês - continuou o rei Sorvete - é o poço da fortuna.
“Começou a fazê-lo escavar, faz agora dois mil anos, um tataravô do bisavô do meu tataravô, que foi avô de meu avô; depois, o pai do pai de meu pai continuou a escavá-lo, como todos os seus predecessores, e como ele meu pai, e como meu pai, eu... mas agora não sei, com mil bombas, se posso continuar a escavá-lo, por que não tem mais fundo!
Wladimiro pegou no óculo de gelo, ajoelhou-se e, aplicando um olho ao gélido instrumento... olhou. Misericórdia! Que espantosa profundidade!
Aquele poço era, no interior, bem se entende, preto como tinta, mas aquele estranho óculo que o rei Sorvete dera a Wladimiro permitia ver-se com tanta clareza até ao fundo como se ali brilhasse a luz do dia.
- Vejo... vejo... enormes montões de brilhantes...
- São mesmo brilhantes, não é verdade?
- São.
- Bem tinha eu dito que os meus olhos já não eram muito bons - resmungou Sorvete I -. Já não sou muito moço, embora esteja bem conservado. Tenho trezentos e dois anos, que completei ontem, e por isso posso ser desculpado.
- Depois vejo ouro - continuou Wladimiro -. Muito ouro, grandes pedaços nos quais estão incrustados topázios, rubis, opalas...
- Com mil bombas! - exclamou o rei Sorvete -.Eis justamente o que eu não conseguia ver.
Vislumbrava qualquer coisa brilhando, mas não

compreendia o que pudesse ser.
- Pois bem; é ouro mesmo...
- Tudo está em ter bons olhos. E depois, o que vês?
- Vejo... vejo... espere, Majestade... sim! ...vejo uma velha adormecida!
- Uma velha adormecida?
- Sim.
- Onde?
- Lá embaixo.
- Mas como pode estar lá uma velha? E onde pode dormir, caramba?
- E' uma velha, mesmo. Temos cabelos de prata, uma túnica de ouro, e está dormindo sobre um montão de diamantes.
O rei Sorvete sentiu-se tomado de raiva, até mesmo de arqui-raiva.
- E' uma ladra! - exclamou -. Uma ladra, com mil bombas!
E pôs-se a urrar como um possesso:
- Ei, guardas! Soldados! Venham! Uma ladra! Uma ladra!
Aos gritos do rei, acorreram duas dúzias de guardas e de soldados, todos naturalmente de gelo.
- Vocês mesmos, seus boas-vidas! - uivou Sua Majestade -. Como foi que deixaram passar una velha com cabelos de prata e túnica de ouro, sem me dizerem nada?
- Eu nunca a vi - disse um soldado.
- Nem eu.
- Nem eu tampouco.
- Pelo portão não passou.
- Silêncio! - gritou o rei.
E, voltando-se para Wladimiro, acrescentou,

esfregando os olhos, como se o visse pela primeira vez:
- Mas . . . tenho os olhos bons ou não? E' verdade mesmo o que estou vendo? Quem é este? E como entrou no meu palácio?
- Eu sou a pessoa a quem destes o óculo para olhar para dentro do poço, Sire - respondeu Wladimiro.
- Bem, bem, bem! Tu não és um dos nossos. Vê-se isso muito bem, com mil leões de gelo !
"Tu penetraste no meu palácio como a velha, sem que ninguém te visse... Certamente vieste para roubar-me, de acordo com aquela pérfida velha.
- Eu!
- Tu, sim. Olá! - gritou o rei com voz trovejante -. Prendam este ladrão, e joguem-no ao poço!
- Ai de mim! - exclamou Wladimiro.
- Não há "ai de mim" nem meio "ai de mim!" - respondeu Sua Majestade inflexível.
- Piedade, Sire!
- Que vem a ser isso de piedade? - perguntou o rei Sorvete aos guardas, muito espantado por ouvir aquela palavra que nunca ouvira pronunciar.
Mas os guardas ainda sabiam menos do que ele.
- Graça! - suplicou Wladimiro.
Mas, como podia esperar comover um coração de gelo?
- Joguem-no dentro do poço, já disse! - repetiu Sorvete I.
E tudo foi inútil.
O pobre Wladimiro foi agarrado por quarenta e oito mãos de gelo, e jogado barbaramente no poço da fortuna.
Para baixo, para baixo, para baixo!

Que queda! Não acabava mais!
Mas, depois de cinco minutos daquela viagem aérea pelas entranhas da terra, Wladimiro, que pouco antes estava meio congelado, começou a sentir um calor que lhe trouxe alívio imediato e, enquanto continuava a cair, ouviu a vozinha do mago Alfinete que dizia:
"Quando o calorzinho aperta, mago Alfinete desperta! E quanto mais calor fizer, mais aumenta o meu poder! Deixa pois que esteja quente para que minha magia aumente!"
O calor crescia, crescia, à medida que Wladimiro se despencava, e o pobre moço já julgava entrever o fundo sobre o qual iria sem dúvida quebrar o pescoço.
Ao ouvir aquelas palavras pronunciadas pelo mago Alfinete, Wladimiro apelou para ele:
- Suplico-te, magozinho ! Por caridade, anda depressa! Opera um encantamento, senão vou quebrar a cabeça!
- Espera, espera! - disse o mago Alfinete.
E, de repente, Wladimiro sentiu-se parado no ar, começando, logo depois, a descer lentamente, lentamente.
- Que aconteceu? - perguntou o mago Alfinete.
- Como! Não viste? - exclamou Wladimiro.
- Eu não. O frio tinha-me entorpecido, e depois, bem sabes que não tenho olhos.
Wladimiro, então, em poucas palavras, contou-lhe o que tinha acontecido.
- Caramba! - disse o mago Alfinete -. Que rei sem coração! Que rei bárbaro! Mas, meu caro, ainda podes dizer que tiveste sorte. Que

podias esperar de gente de gelo, em uma cidade de gelo? Pelo menos aqui embaixo temos um calorzinho.
- Mas continuamos a descer, e quando chegarmos ao fundo não sei como vai ser! - exclamou Wladimiro.
- Não disseste que há uma velha no fundo?
- Sim; uma velha dormindo.
- Se está dormindo, nós a acordaremos.
- Mas como nos arranjaremos para viver no fundo do poço?
- Se lá vive aquela velha, poderás também tu viver.
- E tu, mago Alfinete?
- Oh ! Eu vivo sempre’ Não preciso de comer nem de beber.
E desciam, cada vez desciam mais, embora devagar. Imaginem, um poço que estava sendo escavado havia dois mil anos! Para chegar ao fundo era preciso tempo!
Depois de trinta e sete horas de descida, Wladimiro, que suplicara com lágrimas nos olhos ao mago Alfinete que fornecesse um pouco de luz (e o mago Alfinete fabricara logo, não se sabe como, uma lanterninha), viu que as paredes no poço eram um completo mosaico de topázios, esmeraldas, rubis, ouro, prata, platina, e de tantas outras qualidades de metais preciosos que era de enlouquecer.
E finalmente, alto!
Wladimiro tocou com os pés em cima de um grande monte de ouro e parou.
- Estamos no fundo, mago Alfinete - disse ele.
- Onde estamos, Wladimiro?

- Em cima de um grande monte de ouro.
- Que belo calorzinho faz aqui, hem?
O mago Alfinete estava todo contente, mas o pobre Wladimiro suava em bica.
O fundo daquele poço parecia... o fundo de um poço, mesmo.
- E a velha? - perguntou o mago Alfinete -. Podes vê-la.
- Posso, sim; está dormindo em cima de um montão de pedras preciosas.
- Explora um pouco o lugar onde nos encontramos e conta-me tudo o que vires.
Com mago Alfinete espetado na frente do gabão, Wladimiro começou a descer devagar do monte de ouro sobre o qual se encontrava.
Infelizmente, em certo ponto tropeçou de encontro a um pedaço de ouro que rolou para o fundo do poço, produzindo, não se sabe por quê, um horrível barulho.
A velha, que dormia tranqüilamente, acordou de repente, pôs-se de pé e, vendo Wladimiro, Soltou um uivo de raiva.
A cara, não é preciso dizê-lo, estava coberta de rugas.
Mas que vestido cintilante tinha!
Era todo de ouro, recamado com uma quantidade infinita de pedras preciosas, e poder-se-ia dizer que todas as riquezas da terra não teriam bastado para pagar um vestido como aquele.
- Que fazes aqui, farsante? - gritou a velha a Wladimiro -. E’ em vão que tento esconder-me para dormir os meus sonos tranqüilos!
Que velha mais feia, por Deus!

Seus cabelos de prata (de verdadeiros fios de prata, quero dizer) formavam um tufo na parte superior do crânio; mas na nuca ela era calva. Tinha duas grandes orelhas peludas, um nariz que parecia uma bola de borracha esvaziada, e dois olhos redondos, como os do mocho.
“Até nas entranhas da terra vêm buscar-me, com duzentos mil milhões de milhares de trovões!”
- Eu não vim de propósito para procurar-te! - protestou Wladimiro.
- Ora, ora! Tu não pensas que eu vou acreditar nas tuas mentiras, moleque! Pensas que não sei? - urrou a velha, exasperada -. Tu pertences àquela raça de malvados que se chamam homens, cuja única esperança é agarrar-me pelos cabelos. Com mil trovões! Já me deixaram quase pelada, isso deixaram! Quando por acaso conseguem deitar-me a mão, pretendem nunca mais me deixar escapulir!
“Olha a que estado me reduziram!
“Espera, espera, canalha, que eu já te arranjo!”
E a velha, enfurecida, estendeu os beiços e soltou agudo assobio.
Surgiram logo, ante os olhos aterrados de Wladimiro, dois dragões vestidos de chamas.
- Que quereis, senhora Fortuna! - perguntou um deles, com um vozeirão de dar calafrios.
- Conduzi este mocinho para a vossa toca - respondeu a velha, indicando-lhes Wladimiro -. E tu, com o teu companheiro, montai boa guarda, para que não fuja.
Os dragões precipitaram-se sem mais sobre o jovem.
Pobre Wladimiro!

Passara da panela para dentro do fogo!
Depois de uma queda de quarenta horas, mais ou menos, devia-se ter o direito de julgar haver chegado ao seu destino, embora com os ossos em um feixe, mas chegando aonde se tinha de chegar, em suma.
Pois bem; não.
O pobre Wladimiro, agarrado pelas garras brutais dos dragões, foi arrastado para um canto do poço onde se abria outro buraco, e recomeçou a cair, juntamente com aqueles dois horríveis animais.
Ele gritava, e os dragões abafavam os seus gritos com tremendos rugidos.
Por sorte, dessa vez a queda durou muito menos.
Wladimiro deu um grande mergulho em um lago e foi arrastado por debaixo da água tão depressa que quase não deu fé, depois do que se viu em um lugar escuro, apenas iluminado por uma lampadazinha de ouro, com o teto, por cima, todo eriçado de estalactites de prata, e o pavimento de cristal.
Quem o pusera ali dentro?
Os dois dragões, naturalmente.
O lugar, a bem dizer, não era feio. Em certos pontos, especialmente nos cantos, crescia ali no pavimento um musgo verde e fofo, sobre o qual se podiam dormir sonos muito tranqüilos, e as estalactites que pendiam do teto eram uma coisa muito linda de se ver.
Mas a obscuridade, aquele débil clarão amarelado que emanava da lampadazinha de ouro, não dava a Wladimiro nenhuma sensação de alegria.
O pobre jovem apalpou o peito com as mãos para

procurar o mago Alfinete.
Por que estava tão calado o pequeno mago?
Teria batido com a cabacinha de encontro a alguma coisa e ficara estonteado?
Ou então se assustara tanto que não ousava pronunciar uma palavra!
Wladimiro procurou na frente do gabão (onde sabia ter espetado o seu
amiguinho), mas seus dedos não encontraram coisa alguma que se assemelhasse à cabeça de um alfinete.
O coração começou a palpitar-lhe descompassadamente dentro do peito, e as suas mãos procuraram por todos os lados. ..
Nada!
O mago Alfinete desaparecera!
Perdido? Teria caído quando os dois dragões tinham agarrado violentamente o pobre jovem?
Quem sabe?
- Oh! Pobre de mim! Estou mesmo frito! - exclamou Wladimiro, pondo-se a chorar desconsoladamente.
- Quem é que chora? - rouquejou uma voz.
Wladimiro calou-se e escutou.
Dentro da caverna alguém falara, não restava a menor dúvida.
Mas aquela não era a voz do mago Alfinete.
- Quem chora? - repetiu a voz.
- Quem fala? - perguntou Wladimiro.
- Eu quero saber primeiro quem chorava ainda há pouco aqui dentro - insistiu a voz.
Qualquer coisa saltou para fora do musgo, e Wladimiro viu um sapo, o qual se aproximou dele muito devagar, com certa desconfiança.

- Oh! Que coisa estou vendo! - coaxou o sapo -. Um animal com duas pernas, dois braços e uma cabeça!
- Para tua norma e regra, fica sabendo que eu não sou animal! - protestou indignado Wladimiro.
- Desculpa-me - replicou o sapo -. Digo assim porque aqui dentro, em geral, só costumam andar animais. O que és tu?
- Sou um homem.
- E que vem a ser um homem?
- E' uma coisa que pensa e raciocina.
- Então também eu sou um homem, porque penso e raciocínio como tu.
- Mas não vês que eu tenho dois braços e duas pernas?
- Ora! Há tantos animais com dois braços e duas pernas! - rebateu o sapo.
- Só se forem os macacos!
- Se tu não és um animal, — continuou o sapo, formalizado - não tenho nada que ver contigo. Eu só converso com animais.
E deu-lhe as costas, para voltar ao seu musgo.
Espera, por piedade! - exclamou Wladimiro.
Se não és um animal, por que hei de ficar?
- Sim, sim! Sou um animal, também eu! - gritou Wladimiro, resignado a passar por animal, contanto que tivesse a companhia de um sapo, naquela solidão.
- Ah! Então está bem... E por que choravas? - disse o sapo, parando e voltando-se para ele.
- Porque me trancaram aqui dentro.
- Quem te trancou aqui dentro?
- Dois dragões.
- Compreendo. São os dois dragões da senhora

Fortuna.
- Oh! Pobre de mim! E' uma feia megera essa senhora a quem tu chamas Fortuna, meu caro sapinho!
Ao ouvir-se chamar "sapinho", o horrendo sapo (era muito feio, sabem?) pavoneou-se todo e tornou-se doce como um torrão de açúcar.
- Ora, meu pobre filho, - disse ele - a senhora Fortuna, que eu conheço bem, não será bonita, concordo. Mas todos a buscam, e digo todos os animais do mundo, quer tenham duas, quatro, oito, ou mais patas. Todos sonham com ela, até mesmo de noite. Ela é tão velha, que a própria velhice, comparada com ela, é apenas uma criancinha de peito.
"E com tudo isso, repito-te, procuram segurá-la pelos cabelos, porque se alguém chega a consegui-lo, está garantido para todo o resto da vida. Pode então comer, beber, dormir, sem o menor trabalho deste mundo, e tudo lhe corre às mil maravilhas.
- Oh! Oh! - exclamou Wladimiro, arregalando os olhos -. Isso eu não sabia.
- Quem sabe quantas outras coisas ignoras! - disse o sapo -. Não deves ser, por certo, um animal inteligente. Ora essa! E agora, que tens?
Wladimiro tinha-se posto a procurar de novo o mago Alfinete, e, não o achando, recomeçara a chorar.
- Hi! Hi! Hi! Perdi o meu caro amigo!
- Perdeste um amigo? Ora! Eu tenho perdido tantos amigos - coaxou o sapo -. Os amigos, meu caro, são como as frutas e as folhas para a árvore. Na boa estação, chegam a ser até de mais; na má,

desaparecem: as frutas caem, e as folhas, a cada sopro de vento, voam para outros lugares. Assim fazem os amigos!
- Mas o mago Alfinete não era nem uma folha nem uma fruta! - gritou Wladimiro, desesperado.
- Mas era um amigo. Portanto...
- Não era, porém, um amigo como todos os outros.
- E que espécie de amigo era?
- Era . . . um alfinete.
- Um alfinete? Oh! Oh! E o que vem a ser um alfinete?
- E' uma coisa que espeta.
- Deus nos livre!
- Mas ele não me espetava. E depois, era um mago.
- Um mago, caramba! - exclamou o sapo -. 0 que era, afinal? Um alfinete mago?
- Precisamente - respondeu Wladimiro, suspirando -. Eu lhe chamava mago Alfinete.
- E era capaz de fazer feitiçarias?
- Claro!
- Então podes ficar tranqüilo. Ele virá aqui, sem dúvida, e te libertará.
- Mas, como pode ele vir, se é cego!
- Cego! Um mago cego, com mil demônios!
- E' como se fosse cego, porque não tem olhos. Oh! Pobre de mim! Pobre de mim! - tornou a gritar Wladimiro, vertendo uma torrente de lágrimas pelos olhos.
- Não chores! - disse o sapo, apiedado -. Vejamos se posso fazer qualquer coisa por ti, pobre animal.
- Que poderás tu fazer, meu sapinho? Que poderás tu fazer?
- Escuta aqui - disse ele -. Eu posso sair muito bem

daqui. Há muitos pequenos buracos que eu conheço perfeitamente. 0 teu mago Alfinete pode passar pelos buracos?
- Pode passar muito bem.
- Pois então eu to trarei aqui, não o duvides!
E sem dizer mais nada, o sapo desapareceu.
0 mago Alfinete caíra sobre o montão de ouro quando os dois dragões vestidos de chamas, a serviço da senhora Fortuna, se tinham lançado contra o pobre Wladimiro.
0 pequeno mago ficou ali muito quieto mas com o coração pesaroso, pois pensava na sorte do seu infeliz amigo e protegido.
- Como hei de fazer agora para tornar a encontrá-lo, se não tenho olhos? - dizia consigo mesmo -. Quando a gente não tem olhos, não vê, e quem não vê não pode caminhar na direção certa! Essa horrenda megera da senhora
Fortuna apanhou-nos a mim e a ele de surpresa. Não me deu sequer tempo de fazer algum encantamento.
A senhora Fortuna, que tinha um olhar de lince (se bem que aqueles que nunca a viram digam que é cega), e que juntava as suas riquezas como um avarento, percebeu logo que, sobre uma barra de ouro, havia qualquer coisinha que brilhava de modo diferente, e correu a ver de que se tratava.
- Oh ! Que beleza! Um alfinete ! - exclamou ela -. Justamente eu tinha perdido um e não podia mais pregar no peito o meu xale de ouro, sem contar que ainda me falta outro para prender na cabeça a touca que acabei de coser ontem.
“Não quero mais que me vejam os cabelos”.

E pegou-o, toda contente, pois as velhas, em geral, são loucas por alfinetes.
Quando o teve na mão, ficou indecisa.
Devia prender o xale ou a touca?
Depois de ter ficado algum tempo pensativa, resolveu-se pela touca, porque, primeiro que tudo, estava ansiosa por esconder a todos os olhares humanos os seus famosos cabelos, que todos, mais ou menos, procuravam e procuram, ainda hoje, agarrar.
Por isso, pegou em uma toquinha branca, que ela cosera na véspera, pô-la na cabeça e como, se bem que velha, a senhora Fortuna era uma vaidosa de primeira ordem, quis prendê-la na frente, para fazer boa figura.
O mago Alfinete achou-se assim perto da sua testa e, quando a senhora Fortuna tornou a estirar-se sobre o seu montão de pedras preciosas para tirar outra sonequinha, ele pôs-se a quebrar a cabeça sobre a maneira de proceder para levar socorro ao seu pobre amigo Wladimiro.
Pensa que pensa, não conseguia achar nada, e entretanto se passou uma hora, passaram-se duas, depois três.
Mas de repente ouviu coaxar, muito baixinho, estas palavras que provinham de um canto do poço:
“Estou aqui todo afobado, muito cansado e suado, quero sair deste apuro, o mago Alfinete procuro!”
- O mago Alfinete sou eu! - respondeu baixinho o pequeno mago -. E tu quem és? Fala baixo, por piedade, porque a senhora Fortuna está dormindo. - Crá ! Crá ! Crá ! - fez o sapo. E continuou:
“Onde o lago faz a curva, existe uma grande furna;

e lá dentro está trancado, um animal desgraçado, que se lembra, sob o lago do seu bom amigo mago!”
- Que se lembra de mim? Um animal? - disse o mago Alfinete -. Eu não sei de nenhum animal que seja meu amigo.
- E’ um animal que raciocina como tu e como eu, - replicou o sapo - embora tenha somente duas pernas e um par de braços. Faz-me muita pena!
- Mas então não é um animal! E’ Wladimiro, com mil demônios! - exclamou o mago Alfinete.
- Pois será um Wladimiro. Que sei eu? - disse o sapo -. O fato é que o tal Wladimiro foi levado pelos dois dragões, e agora chora porque perdeu o seu amigo, o mago Alfinete.
- Oh, belo sapinho! - exclamou o mago Alfinete -. Como te agradeço por teres vindo avisar-me!
- Se quiseres, eu te acompanho até lá embaixo, mago Alfinete.
- Mas eu não tenho olhos. Dize-me, quem és tu? Deves ser um sapinho, porque te ouvi coaxar.
- És mesmo um mago muito simpático respondeu o feioso sapo, todo satisfeito (a adulação agradava-lhe) -. Eu sou sapo, mas exerço a profissão de médico, e quando a senhora Fortuna tem dor de cabeça, recorre sempre a mim.
- Ah, sim? Muito bem. Agora já sei como me vou fazer transportar lá para baixo - replicou o mago Alfinete -. Tu, lindo sapinho, volta para onde está Wladimiro, e dite-lhe que daqui a pouco estará livre e rico.
- Dir-lho-ei. Até à vista, mago! - respondeu o sapo.
E foi-se, pelo buraco que sabemos.

Quando o sapo se foi embora, o mago Alfinete mexeu-se um pouquinho e “pie!”, espetou fortemente a testa da senhora Fortuna.
A velha, ao sentir, aquela forte picada, levantou-se, soltando um lamento.
- Olé ! Olé - disse ela -. Lá vem de novo a maldita dor de cabeça. E’ uma maçada!
E continuando a gritar “Ai que dor!” (pois que o mago Alfinete continuava a espetá-la desapiedadamente), a senhora Fortuna levantou-se e precipitou-se correndo para o buraco dentro do qual havia o lago, no qual mergulhou sem mais aquela, com a pressa de uma velha que está ansiosa por ficar boa de uma dor de cabeça.
Será preciso que eu vá de novo ao médico para que ele me dê aquela famosa tisana que só ê1e sabe preparar e que me faz tanto bem... Ai! (O mago Alfinete tornara a picá-la). Arre, que dor, com setecentos milhares de milhões de bilhões de trilhões de estrelas! Nunca a tinha sentido tão forte. E’ bem verdade que quando a gente vai ficando velha chegam os achaques!
Assim chegou à porta da caverna, junto à qual estavam de guarda os dois dragões e que estes, quando viram a dona, se apressaram a abrir.
A porta se abriu, pois, com grande barulho e Wladimiro viu entrar a senhora Fortuna, que urrava com a dor de cabeça (pudera! Com o mago Alfinete picando-a sem dó nem piedade!).
- Doutor sapo! Doutor sapo! - chamou a velha -. Depressa, a minha tisana para dor de cabeça!
- Ora, minha cara cliente! Para fazer a tisana são necessárias as ervas que sabeis. Eu aqui não tenho

sequer um punhadinho . . .
- Que se há de fazer? - perguntou a senhora Fortuna, desesperada.
- Mandemos os dragões buscá-la.
A velha precipitou-se para a porta e, abrindo-a apenas um pouquinho (o suficiente para deixar passar o seu grande nariz, a fim de que Wladimiro não fugisse), ordenou aos dragões que corressem a buscar as ervas.
Era preciso rosmaninho, basilicão, malva, pimenta e cabeça de papoula.
Os dragões correram a buscar as ervas imediatamente.
- Wladimiro! - gritou então o mago Alfinete, com a sua vozinha -. Wladimiro, sou eu! Segura a senhora Fortuna pelos cabelos e foge! Os dragões não estão mais aí, e a porta está apenas encostada.
Wladimiro, meus netinhos, ao ouvir aquela voz, que conhecia muito bem, deu um pulo, arrancou a touca da feiticeira espavorida, metendo-a no bolso e, agarrando-a pelos cabelos de prata, precipitou-se para fora, dando um empurrão na porta.
Em um momento, subiu à superfície do lago e pôs-se a nadar, arrastando atrás de si a senhora Fortuna, segura pelos cabelos. Nada que nada, sem se importar com os gritos da sua prisioneira, chegou em menos de meia hora a uma margem verdejante de onde se podiam ver casas, casas e mais casas. Era uma cidade enorme.
Então se pôs a caminhar, arrastando sempre atrás de si a senhora Fortuna, que já agora, presa pelos cabelos como estava, tinha-se resignado e ia caminhando ao seu lado.

E posso garantir-lhes, meus netinhos, que tudo lhe correu às mil maravilhas.
Deram-lhe palácios; achou sacos de moedas de ouro, casou-se com uma princesa muito rica, teve amigos, festas, divertimentos, em suma, nunca mais lhe faltou coisa alguma.
Pudera! Amarrara com uma corda os cabelos da Fortuna a um dos pés da sua cama...
E o mago Alfinete?
O mago Alfinete desaparecera misteriosamente.
E um dia... também a Fortuna fugiu, não se sabe como, deixando em o nó da corda alguns fios de prata.
Mas já então, e para sempre, Wladimiro era milionário!

FIM